



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SEculo

N.º 719

# UMA HISTORIA DA GRANDE GUERRA

por LEONOR de CAMPOS

**D**E todos os defeitos do Luís o que mais aborrece os pais é o da rabugice à mesa.

Nada o satisfaz! Embirra com a sopa se é de hortaliça:

— «Que porcaria! As ervas fizeram-se para os burros pastarem!...» Mas se a sopa é de massa, embirra também:

— «Hoje a Maria lembrou-se de nos dar grude!...»

Não gosta de peixe. Não gosta de legumes. Não gosta de caça!

Só lhe apetece accepices e guloselmas: pastelinhos, doces, frutas...

Mas como os pais o obrigam a comer de tudo, raro é o dia em que não há zangas, arrelhas e choros ao almoço ou ao jantar.

Foi ontem jantar lá a casa um amigo do pai. É belga e engenheiro.

O Luís por cerimónia enguliu duas ou três colheres de sopa sem resmun-

gar, embora, de vez em quando, torcesse o arrebitado narizinho.

A seguir apareceram filetes de peixe. Luís fez uma careta e disse para consigo:

— «Peixe! Que nojo! Mas... vá lá!... Como é em filetes ainda se tolera!...»

Serviu-se do mais pequeno. O engenheiro, sentado a seu lado, estranhou a parcimónia do rapaz:

— «Comes pouco. Na tua idade é extraordinário!»

Luís sorriu — um sorrizinho muito amarelinho, — mas a conversa derivou para outro assunto e ele viu-se desobrigado de responder.

O pior foi, daí a momentos, quando surgiu uma travessa com perdizes.

Se havia bichos com que antipatizava a valer, a perdiz era um deles. E os pais, com aquele maldito costume de o obri-



garem a comer de tudo, quer gostasse, quer não!

Mas... talvez agora pudesse escapar! Entretidos com a conversa é, possível que não reparassem que ele não comia. Vingar-se-ia depois no doce e na fruta.

E quando a criada lhe apresentou a travessa, o Luís tirou uma batatinha e fez sinal de que não queria mais.

Mas, por fatalidade, o engenheiro lembrou-se de olhar para ele nessa altura.

Ao ver a triste batata solitária, admirou-se e perguntou ao pai:

— «O seu filho está doente? Alimenta-se tão mal!...»

Catrapuz! O pai olhou para o prato, olhou para o Luís, fez uma cara muito séria, muito zangada, e disse:

— «O que é isso? Então o menino não sabe servir-se? Tire imediatamente um pedaco de perdiz e mais algumas batatas!»

— «Não gosto!» — choramingou Luís.

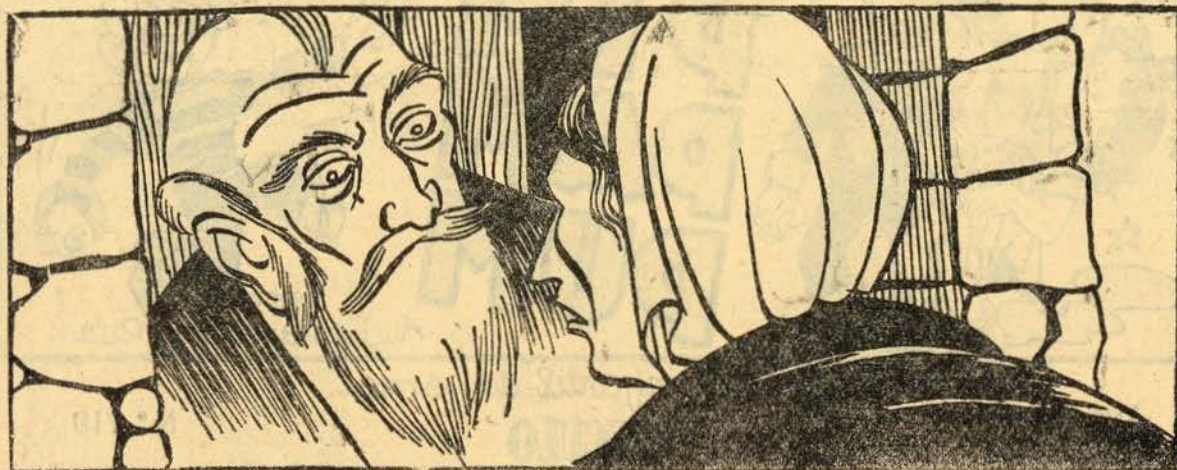
— «Ou fazes o que te mandei, ou vais para a cama, sem sobremesa!»

Ora a sobremesa era o melhor da festa: um delicioso pudim de ovos e uma riquíssima salada de frutas. Além disso, o engenheiro prometera contar-lhe, depois de jantar, a história do torpedeamento dum barco em que seguia, salvando-se ele a custo.

Ora o pai cumprira sempre o que prometia. Tinha, portanto, que aguentar a perdiz, sem recalitrar, senão iria







chorar para a cama. E comeu-a, embora lhe custasse.

O jantar decorreu sem mais incidentes, visto o Luis ter devorado a sobremesa sem se fazer rogado, servindo-se abundantemente e repetindo.

O engenheiro viu, sorriu e não disse nada.

Terminado o jantar, o Luis não deixou que o amigo do pai esquecesse a sua promessa:

— «Conta-me, agora, a história do torpedeamento?»

O engenheiro concentrou-se uns momentos e depois respondeu:

— «Vou contar-te primeiro um outro episódio da minha vida, passado na Bélgica, durante a Grande Guerra. Queres?»

— «Ó se quero!... Gosto tanto de histórias verdadeiras!...»

E o belga começou:

— «Tinha eu a tua idade, pouco mais ou menos, quando rebentou a Grande Guerra. Vivía com meus pais, que tinham uma fábrica de tecidos, nos arredores de Liège. Eu era um rapazinho

cheio de mimo, talvez por ser filho único e de compleição débil. Minha mãe satisfazia-me todos os caprichos. Porisso me tornei antipático, desobediente, mimalho.

A mãe era insuportável. Só me agradavam guloseimas, petiscos... E minha mãe, para me não contrariar, nunca me obrigava a comer do que eu, por simples capricho, rejeitava. Assim ia crescendo, raquito, enfermizo e birrento.

Mas, um dia, os alemães invadiram a Bélgica. A nossa fábrica estava paralisada, por falta de braços. Todos os homens válidos, incluindo meu pai, combatiam pela sua Pátria. Minha mãe não quis fugir, abandonar a aldeia. E nós, habituados a viver no meio da riqueza e do conforto, vimos-nos, dum dia para o outro, na mais negra miséria. Os nossos bens foram confiscados. A nossa casa, enorme, um autêntico palácio, foi requisitada para hospital.

Nesta altura valeu-nos o contra-mestre da fábrica — excelente homem, que

tinha uma filha casada com um oficial alemão. Levou-nos para sua casa. Ele, a mulher e um outro filho de 13 anos, desvelavam-se connosco. Mas... não conseguiram que recuperássemos o perdido bem.

Os géneros eram racionados... e ratinhados. Faltava o açúcar, faltavam o leite e a manteiga, não havia ovos senão para os alemães.

Mas eu, mal educado e egoísta, em vez de me sujeitar ao que os outros se sujeitavam, recusava e que me não agradava, gritando:

— «Não quero disto! Quero doces e comida que cheire bem!...»

E a minha pobre mãe esquecia as suas preocupações, os seus sofrimentos e, ao escurecer, envolvida em chales desbotados e remendados, ia de porta em porta pedir um ovo, além um pouco de leite, noutro sítio algumas colheretas de mel. Tudo isto lhe davam aldeãos, a ocultas dos alemães. Mas... certo dia...

(Continua no próximo número)

# FILHOS

★ POR FRANCISCO VENTURA ★

**E**M certa casa pobrinha,  
Que estava junto da estrada,  
Havia a vida mais linda  
Que pode ser desejada.

Era como um chão florido,  
Como estrada sem abrolhos,  
Não havia dor nas almas,  
Nem pranto amargo nos olhos.

E quereis saber porquê?  
É que, naquela casinha,  
Estava um filho que aos pais  
Um amor profundo tinha.

Um filho que só lhes dava  
Venturas e nada mais,  
Um anjo vindo do céu  
Posto junto dos seus pais.

Franco, leal e bondoso!  
Sempre com riso no rosto,



Só tinha um lema na vida:  
Não dar aos pais um desgosto.

Trabalhador, diligente,  
Por mil diversas maneiras  
Ele apenas procurava  
Livrar os pais de canseiras.

Coração alegre e puro,  
Quer de noite quer de dia,  
Tinha apenas um desejo:  
Os pais encher de alegria.

Por isso, naquela casa,  
Que era muito pobrezinha,  
Estava sempre a ventura  
Como única rainha.

É que onde existe um bom filho  
A acompanhar os seus pais,  
A vida já não é vida:  
É um céu e nada mais.

Fim



# O GRÃOZINHO DE AREIA

Por MARIA FREDERICA

**E**RA uma vez um grãozinho de areia que vivia no fundo mar, muito satisfeito na boa companhia das algas e das conchilhas. Quando estava mais entretido a brincar às escondidas ou a dançar com os irmãos grãozinhos de areia, o mar mexia-se, agitava-se e lá levava cada um para seu lado. Depois era um trabalho para se encontrarem outra vez. Tinham de andar a perguntar uns pelos outros aos peixinhos, e como os grãozinhos de areia, mesmo quando não são manos nem primos, são todos muito parecidos uns com os outros, os peixinhos faziam uma grande confusão e nunca sabiam quem eles procuravam.

O nosso amigo grãozinho de areia desejava, por isso, mais do que tudo, viver num sítio onde o mar não andasse sempre a levá-lo de um lado para o outro. Ora, uma vez, um velho caranguejo que tinha viajado muito, ouvindo o grãozinho lamentar-se da vida desassossegada que levava, contou-lhe que lá longe, onde o mar batia na terra, havia uma praia com muita areia, muitos e muitos e muitos grãozinhos, que viviam descansados porque o mar não lhes tocava.

O nosso amigo grãozinho pensou logo em ir para esse lindo sítio com os seus irmãos grãozinhos. Quando o mar tornou a levá-los, em vez de fazerem o possível para ficarem no fundo do mar, deixaram-se ir para cima, para cima, até que, depois de muitos dias, sentiram um grande ruído, que eram as ondas a bater nas rochas da praia. Ficaram muito assustados, e quando uma onda os atirou para cima de uma rocha muito grande e muito preta, e não para a areia da praia, ainda ficaram mais aflitos e arrependidos de se terem metido em tal viagem, porque, agora, em vez de serem levados pelo

mar, como dantes, eram as ondas que lhes batiam em cima; eles não se podiam segurar na rocha e nunca mais estariam sossegados.

Choravam a sua triste vida, numa covinha da rocha, onde a onda os tinha deixado, quando ouviram uma voz grossa e funda, que parecia vir de dentro da rocha, dizer-lhes: «Não se assustem, grãozinhos de areia; como vocês sempre foram bonzinhos e ajuizados, eu farei que nenhum mal lhes aconteça. Vou ordenar aos mexilhões, lapas, algas e anêmonas que se encontram



ai perto dessa covinha onde vocês estão, para que vos tapem quando vierem as ondas, para que a água vos não leve.» E assim fizeram. Os mexilhões viraram as suas cascas por cima da covinha. As lapas serviram de muro,



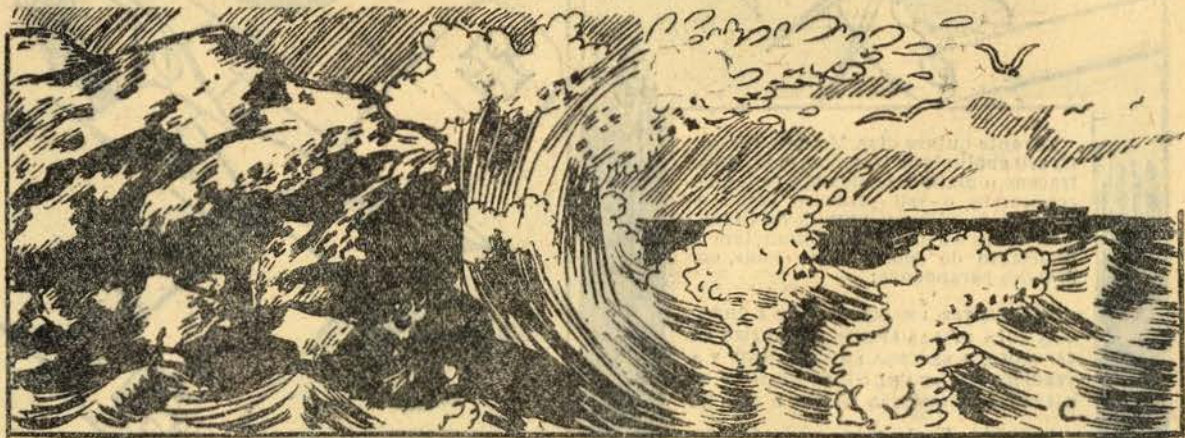
as anêmonas estenderam os seus bracinhos e as algas cobriram tudo.

Quando voltou, uma onda forte não conseguiu levar os grãozinhos. E assim estiveram até que baixou a maré e as ondas já não batiam na rocha.

Então, os grãozinhos de areia agradeceram aos mexilhões, às lapas, às anêmonas e às algas e ainda agradeceram muito mais a rocha. E ela gostou muito que eles fossem tão bem educadinhos.

Ali ficaram muito contentes a conversar, e nunca mais tiveram medo de ser levados, mesmo quando o mar reventava em ondas grandes sobre a rocha.

E muitas vezes pensavam como é bom encontrar protecção e abrigo quando se corre a aventura.



## ERA UMA VEZ...

Maria Archer, no seu interessante livro para as crianças «Viagem à roda de África», que a «Editorial Séculos» acaba de publicar, narra-nos um pequenino conto da tradição oral dos negros, acerca das manhas do coelho, para vencer a ferocidade do leão e a força do elefante.

Este livro de maravilhosas aventuras infantis, que custa apenas 800, está à venda em todo o País e na Sucursal do «Século», Rossio, 22.

...o coelho, o leão e o elefante

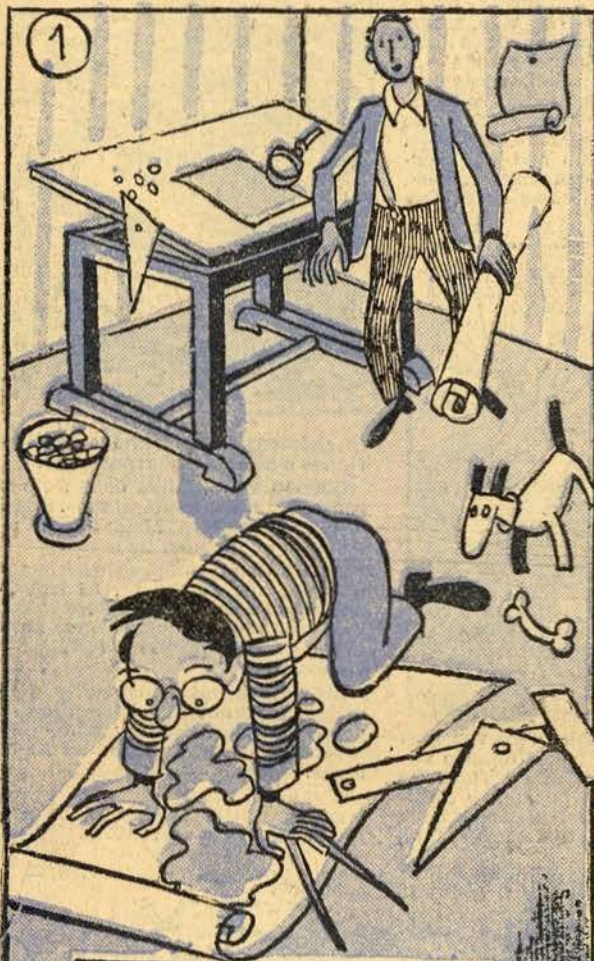


# AS GRANDES AVEN- TURAS do AERONAUTA MATIAS e do PILOTO PÁTÓ

de focinho erguido, farejava, assustada, com manifesta antipatia pelo ensurdecedor barulho da máquina infernal. Subitamente, entre o acenar de mil lenços agitados, o avião arrancou, erguendo-se, pouco a pouco, a distância, em curva ascensional.

Após três dias de vôo consecutivo, sem o menor incidente desagradável, Matias, «Pátó» e «Mascotte» aterram em «APUROS», terra africana, de escaudante clima.

Cansados da viagem, os dois arrojadados aeronautas perguntaram a um preto onde encontrariam alojamento na-

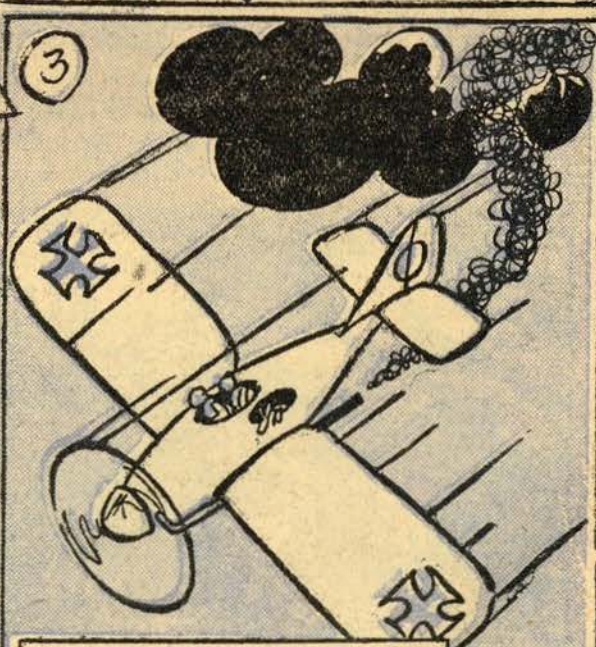


Durante quinze dias, Matias e «Pátó», no seu gabinete de trabalho, em Lisboa, traçam o plano e estudam a forma de realizarem o seu primeiro «raíd» e «Cascos de rôlhas», para lá da China. Já todos os periódicos anunciam a realização do sensacional «raíd», em grandes parangonas:

VÃO TENTAR UM GUSADO VÔO Á CHINA, COM TRÊS ETAPAS APENAS, A PRIMEIRA EM «APUROS», A SEGUNDA EM «SARILHOS» E A TERCEIRA EM «CASCO DE RÔLHAS» OS CÁEBRES AERONAUTAS MATIAS E «PÁTÓ».

Chegado, finalmente, o dia da partida, uma multidão de populares acorria já ao local da largada, ávida de emoções.

Matias e «Pátó», já dentro da carlinga, procediam afanosamente aos últimos preparativos e já um dos motores punha a girar as hélices. «Mascotte»,



quela terra, pois precisavam lavar-se, comer e repousar da viagem.

— «Prêto ensinar «siô»... «Siô» seguir prêto...» voltou-lhes o negro, cujo aspecto selvagem logo os pôs de sobre-aviso.





Matias, «Pátó», e «Mascotte» seguem o pretalhão por áridas charnecas, até que divisaram ao longe, dando gulnhos e dançando á volta duma enorme



fogueira, sôbre a qual estava um grande caldeirão de cobre, uma porção de pretos pancudos, que ostentavam nas mãos umas compridas forquilhas.



Imediatamente Matias e «Pátó» compreenderam que estavam na iminência de serem devorados pelos antropófagos. (Continua no próximo número)

## O PAPEL E A CANETA

por LAURA CHAVES



Um dia, a pobre pateta pôs-se, de horror, a tremer... Andava a Dona Caneta em cima dela a escrever...

Num instante, que diacho! A fôlha estava cheinha, desde o cimo até cá abaixo, duma letra miudinha.

E sempre numa *rabuja* resmungou a desgraçada: — «Agora, assim, tôda suja, é que já não valho nada!» —

Grande asneira ela dizia... De côr ou branco de neve, o papel só tem valia se é bom o que se lhe escreve.

Não julguem que eu tenho bôlha, ou que vos digo uma pêta: Meninos, vós sois a fôlha e o vosso mestre a caneta.

F I M

**C**ERTA fôlha de papel, vivia numa amargura, sempre num mêdo cruel de perder sua brancura.

Pensava a pobre, coitada, ser êsse tão lindo alvor

que a tornava desejada e que lhe dava valor.

E murmurava baixinho: — A mim ninguém me desbanca, pois sou tal qual como o arminho, tôda branca, tôda branca!

MARCAS para o JÓGO da VOLTA a PORTUGAL *Vidé páginas 6 e 8*





# CURIOSIDADES

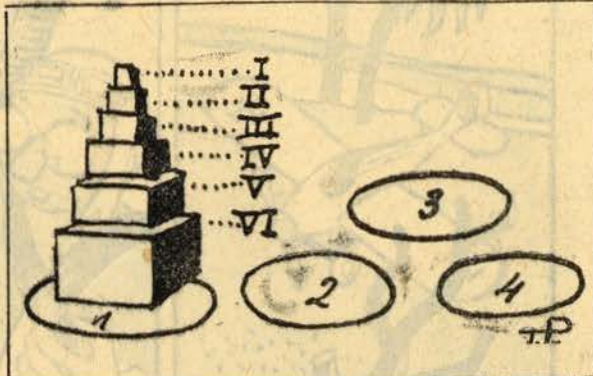
## O EQUILIBRISTA

## PASSATEMPO



Este sujeito, que é um equilibrista afamado, consegue pôr-se em pé num arame, desde que os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» lhe prendam dois contrapêso de chumbo, nas biqueiras das botas.

O ponto assenta no fio. O boneco pode ser colado em cartolina fina.



Consiste este passatempo em deslocar a torre para a rodela N.º 2, utilizando, para isso, os números 3 e 4 e sem colocar nenhuma das caixas grandes que formam a torre, sobre as pequenas.

Parece muito difícil, mas aí vai a solução: — Colocar 1 em 2; II em 3; III em 4; II em 4; I em 4; IV em 2; V em IV; IV em 3; VI em 2; IV em 1; V em 2; IV em 2; I em 1; II em 3; III em 2; II em 2; e I em 2.

## A N E D O T A

Certo sujeito idoso acaba de ler o seguinte anúncio: — «*De-seja-se o viajar, procuro, para secretário, homem novo, elegante e que saiba falar bem inglês e alemão...*»

No dia seguinte, o velho apresenta-se: — «*Senhor, li o seu anúncio. Como vê não sou moço nem elegante. Não sei falar inglês nem alemão...*»

— «Então?...»

— «Então, venho dizer-lhe que não posso aceitar o emprego que o senhor ofereceu.»

## O JÔGO DA VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

**INSTRUÇÕES:** O jôgo que hoje publicamos na página 8, é destinado aos nossos pequeninos leitores entusiastas pelo desporto velocipedico.

São quatro os jogadores. Cada um reserva para si uma das marcas que inserimos na página 5: — A B C D, munindo-se dum dado, dum lápis e duma folha de papel, na qual irá marcando as etapas que o seu concorrente for alcançando e que serao indicadas pela soma obtida no successivo lançamento do dado.

Sempre que este apresente apenas uma pinta, o ciclista sofre uma AVARIA, que será registada na folha de papel do respectivo jogador e, então, cede o dado ao que se segue, conservando-se na mesma cidade. A terceira vez que isto aconteça, será registado na folha DESASTRE e, neste caso, só tornará a jogar depois de todos os ciclistas lhe haverem passado à frente. Se depois deste desastre, tornar a sair uma só pinta, regista-se a DESISTENCIA e o jogador fica excluído. Ganha, claro está, o que primeiro conseguir dar a volta.

## INTERCÂMBIO EPISTOLAR



Maria Margarida  
Rebôcho  
18 anos



Maria Eduarda  
de S. Cruz  
14 anos

Publicamos hoje nova série de retratos de inscritis na nossa secção de inter-câmbio epistolar correspondendo a cada uma das nossas leitoras, que figuram no alinhado superior, respectivamente, a amiguinha que lhe fica na mesma verticalidade.



Maria Antonleta  
Lopes Campos  
16 anos



Maria Ribeiro  
Handeira  
16 anos



# O PASSATEMPO dos TRÊS PROVÉRBIOS

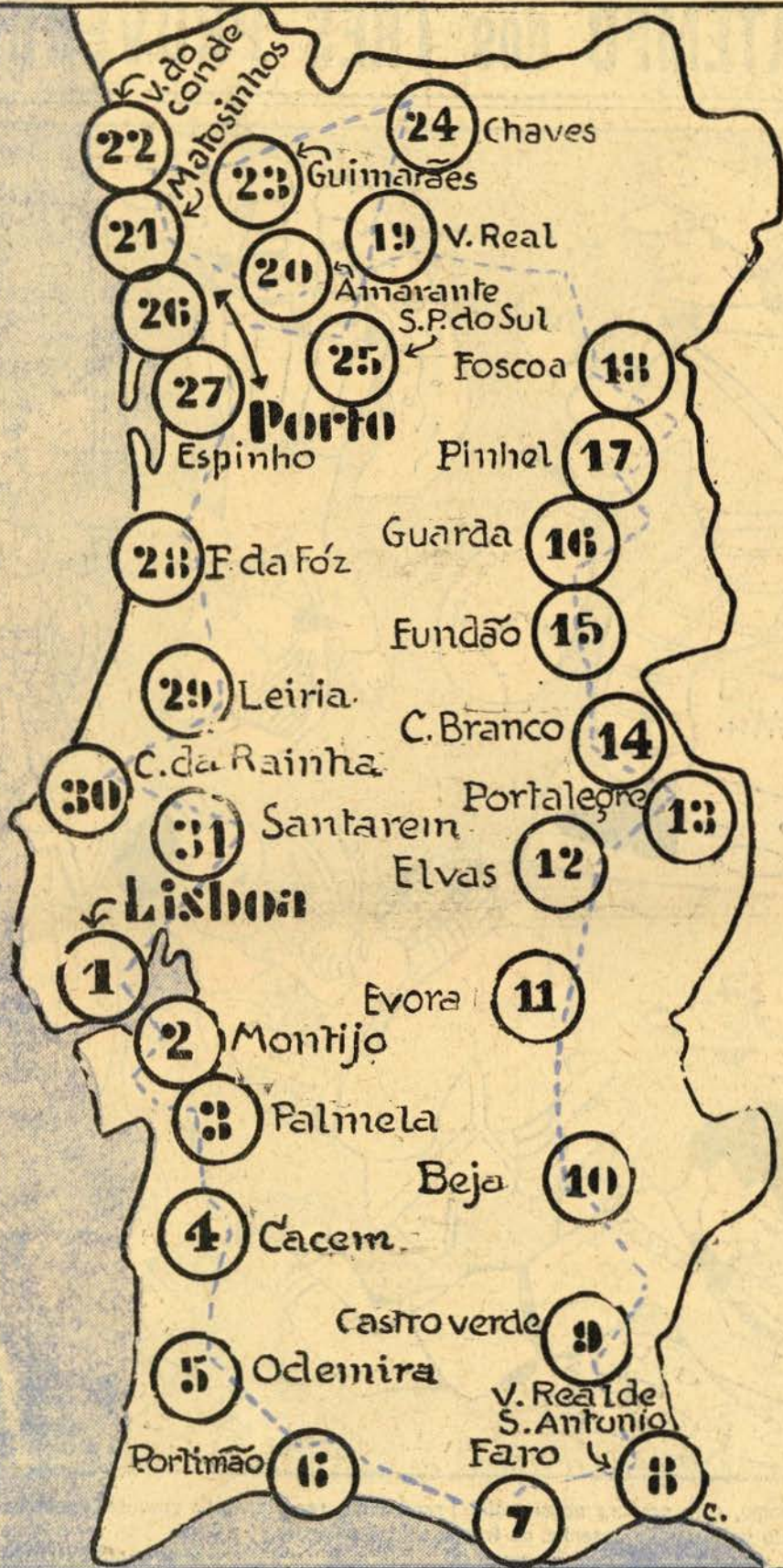


Consiste o passatempo, cuja gravura acima publicamos, na apresentação gráfica pelo desenho, de três conhecidos provérbios portugueses. Vejam os nossos amiguinhos se conseguem descobrir quais são esses

provérbios, recortando as gravuras e colocando-as nas devidas posições.

No próximo número aqui os publicaremos, para que fiquem sabendo se acertaram.





O  
 JOGO  
 DA  
 VOLTA  
 A  
 PORTUGAL  
 EM  
 BICICLETA

Ler as  
 instruções  
 na  
 página

6